

POR UMA REINVENÇÃO DOS MODOS DE SER MULHER: O CURRÍCULO DA ESCOLA EM FOCO¹

Vândiner Ribeiro²

Ivana Alice Teixeira Fonseca³

RESUMO

Neste texto apresentamos compilações e inferências sobre pesquisas realizadas e/ou orientadas pelas autoras acerca de gênero. A metodologia utilizada foi a análise do discurso de inspiração foucaultiana. O argumento desenvolvido é o de que discursos de campos diversos que circulam nos currículos escolares reforçam marcas que imprimem e aprisionam no corpo, no jeito de agir e de pensar modos específicos de ser mulher. Advogamos a necessidade da reinvenção dos modos de ser mulher nas práticas curriculares, e, para isso, uma prática permanente de igualdade de gênero na escola.

Palavras-chave: Currículo. Gênero. Performatividade. Mulher.

Cuidado, moço
Há que se ter cautela com esta gente que menstrua...
Imagine uma cachoeira às avessas:
cada ato que faz, o corpo confessa.
Cuidado, moço
Às vezes parece erva, parece hera
Cuidado com essa gente que gera
Essa gente que se metamorfoseia
Metade legível, metade sereia.
Barriga cresce, explode humanidades
“Aviso da lua que menstrua” de Elisa Lucinda (1993)

“Esta gente que menstrua”, “essa gente que gera”, que a “barriga cresce, explode humanidades” - essa é gente chamada mulher. Mas cuidado, moço!!! Nem toda mulher possui essas marcas. Pois existem as mulheres que nascem em corpos nomeadamente masculinos, mas não se identificam com ele e, portanto, se tornam mulheres. Essa gente chamada mulher foi e é produzida cotidianamente por diversos discursos que circulam na sociedade. Esses discursos, não raras vezes, a coloca em lugar de submissão, fragilidade, fraqueza, falta de inteligência, objeto. Diante disso, serão apresentadas aqui inquietações levantadas pelas autoras em outras pesquisas por elas realizadas, avaliadas ou orientadas. O referencial teórico utilizado recai sobre as teorias *queer* para discutir gênero e sobre os estudos foucaultianos, tanto nessas discussões quanto nas de currículo. Como metodologia utilizamos a análise do discurso, também de inspiração foucaultiana. A análise do discurso

¹ Compilação e inferências de diversas pesquisas realizadas e/ou orientadas pelas autoras.

² Doutora em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

³ Doutora em Ciências do Esporte. Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

é útil na medida em que o discurso é tratado no *jogo de sua instância*, na renúncia de sua infinita continuidade e na “secreta presença no jogo de uma ausência sempre reconduzida” (FOUCAULT, 2005, p. 28). Para tanto, o argumento central deste texto é o de que discursos de campos diversos que circulam nos currículos escolares reforçam marcas que imprimem e aprisionam no corpo, no jeito de agir e de pensar modos específicos de ser mulher.

O currículo escolar está sendo aqui compreendido como um local de subjetivação, ou seja, estamos deslocando - “a ênfase do sujeito para a subjetivação, [...] pensando no sujeito [...] não como a origem transcendental do pensamento e da ação, mas como uma montagem, como uma verdadeira invenção” (CORAZZA, TADEU, 2003, p. 53). Logo, as práticas nele empreendidas vão “nos constituindo como sujeitos de determinado tipo, com certas características, com certos modos de ser e de viver ao ocupar determinadas posições de sujeito que são disponibilizadas nos discursos” (RIBEIRO, 2013, p. 51). Não é à toa que “Essa gente [mulher] que se metamorfoseia/metade legível, metade sereia”, ocupando ao longo da vida “várias posições de sujeito⁴ – ora uma, ora outra e, às vezes, várias ao mesmo tempo –, [pois] nos nomeamos e somos nomeados/as de distintas formas, sem, no entanto, nenhuma garantia de que vamos assumir e/ou permanecer nas posições demandadas” (RIBEIRO, 2013, p. 19).

Dentre essas posições, a mulher, ao longo da história tem ocupado, em especial, aquelas que as coloca em lugar de desprestígio em relação aos homens. Portanto, discutir gênero na escola, se torna importante, pois o que parece assunto “velho”, tem sido cada vez mais urgente, pois não têm sido raros os ataques xenofóbicos, nas redes sociais, na câmara do deputados, por exemplo. Assim, tais discussões têm sido um desafio nos últimos anos, tendo em vista as resistências que tentam a todo custo colocar para fora da escola até mesmo a palavra gênero, como se isso fosse possível. Afinal, nossos corpos generificados vão às escolas todos os dias e estão falando de gênero pela roupa que vestimos, pelo vocabulário masculinizado que reafirma quem tem mais prestígio, pelas atividades do currículo divididas por sexo, pelas demandas diferenciadas a meninos e meninas. Processos de subjetivação são colocados em funcionamento ensinando, todos

⁴ As posições de sujeito são os “posicionamentos, [...] [as] posições discursivas, as que literalmente constroem o sujeito, na mesma operação em que lhe atribuem um lugar discursivo” (LARROSA, 2002, p.66).

os dias, modos de ser homem e mulher na tentativa de manter as relações de poder estabelecidas entre os gêneros, nas quais a mulher é subjugada. Discursos como os religiosos, machistas e biológicos insistem em não nos deixar falar sobre gênero. Os processos de subjetivação a que somos submetidas dizem respeito aos modos como nos compreendemos como mulher e como os outros nos compreendem como sujeitos de determinados tipos, “ou seja, como o sujeito é percebido e percebe a si mesmo” (RIBEIRO, 2013, p. 21). A subjetivação é, dessa maneira, a “formação de uma relação definida de si consigo” (FOUCAULT, 2010, p. 90).

As práticas curriculares ensinam todos os dias, às mulheres, e, relacionalmente, aos homens, modos de agir e pensar. Tais práticas foram evidenciadas em diversas pesquisas que acompanhamos, com afirmações do tipo: “homem nasceu para o futebol e as meninas para queimada e para o vôlei” (FERNANDES, RIBEIRO, 2018, p. 64), na fala de uma menina de 10 anos. Isso evidencia que “o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 2002, p. 18), já que a menina se sentia incapacitada para o futebol. “Esse ato, singular e deliberado” do discurso é considerado por Butler (2002, p. 18) como performatividade. Como exemplo de performatividade podemos citar o que acontece por meio do discurso biológico, que nomeia e caracteriza distintamente homens e mulheres, atribuindo a elas fraqueza, fragilidade e menos inteligência e a eles força, brutalidade e mais inteligência. Em outro exemplo, não é incomum que mulheres que se relacionam com mulheres busquem marcas tipicamente femininas nas companheiras, associando-as às roupas que vestem, à maquiagem que usam, ao modo de andar (RIBEIRO, FONSECA, 2018), como se essas marcas fossem naturalmente ligadas ao sexo biológico e não uma invenção cultural.

Destacamos que mesmo diferenças marcadas no corpo podem ser produzidas culturalmente. Muitas vezes, desconsidera-se que “alguns padrões de movimento como a forma de andar, de gesticular, de sentar e até mesmo na maneira de lidar com objetos, são construídos, por exemplo, no processo de desenvolvimento da criança e do adolescente” (RIBEIRO, FONSECA, 2018, p. 304), por meio das atividades que lhes são disponibilizadas na família, na escola. Às meninas se ensina comportamentos delicados, sem exposição a riscos, sem exigência de força. Aos meninos, exatamente o contrário. “Esses padrões vão

sendo aprendidos e estruturados e, na fase adulta, já estão incorporados, sendo, portanto, muitas vezes difíceis de serem modificados” (RIBEIRO, FONSECA, 2018, p. 304). Jogos de poder estão inscritos nessas escolhas nada inocentes.

Dessa forma, discutir gênero na escola não é criar uma disciplina com conteúdo a serem avaliados em provas, mas praticar a igualdade de gênero cotidianamente, demandando e oferecendo as mesmas oportunidades de aprendizagem a meninas e meninos, homens e mulheres. Sabemos que essa tarefa não é fácil, pois os discursos religiosos, biológicos, midiáticos que nos constituem como homens e mulheres de determinado tipo, também estão na escola, de modo que “currículo e práticas escolares vêm sustentando uma noção singular, um modo adequado e ‘normal’ de masculinidade e feminilidade” (CARVALHAR, 2009, p.33). Assim, “algumas professoras acabam reproduzindo as desigualdades de gênero existentes na sociedade” (FELIPE, GUIZZO, 2004, p. 32) por meio das atividades desenvolvidas em sala de aula.

Diante disso, em síntese, advogamos por uma “política das multidões *queer* [que foge] dos efeitos normalizantes e disciplinares de toda formação identitária, de uma desontologização do sujeito da política das identidades: [pois,] não há uma base natural (“mulher”, [homem] “gay” etc.) que possa legitimar a ação política” (PRECIADO, 2011, p. 18). Dessa forma, é urgente que o currículo da escola pratique a igualdade de gênero, afastando-se das marcas que polarizam e inferiorizam a mulher, uma vez que “cada ato que faz, o corpo confessa”. Então, “cuidado, moço”, com essa gente que pensa!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**. Sobre los límites materiales y discursivos del sexo. Buenos Aires: Paidós. 2002 [1993].

CARVALHAR, Danielle L. **Relações de gênero no currículo da educação infantil**: A produção das identidades de princesas, heróis e sapos. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca. S. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar E.; SOARES, Rosângela F. R. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 31-40.

FERNANDES, Viviane Carvalho; RIBEIRO, Vândiner. Fragilidade feminina e força



Secretaria Executiva do FNPE

SCS Quadra 01 Bloco I - Sala 801- Edifício Central CEP: 70301-000 - Brasília/DF - Telefone: (61) 3223-0763
www.fnpe.com.br / <https://www.facebook.com/ConferenciaNacionalPopular/conape2018@gmail.com>

masculina: o currículo dos sexos em aulas de educação física. **Notandum**, Ano XXI, n.47, p.61-77, maio/ago., 2018.

FOUCAULT, Michael. **Arqueologia do saber**. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. 236p.

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**: curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos de Michael Foucault). Tradução de Nildo Avelino. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

GOMES, Elisa Lucinda dos Campos. **Aviso da lua que menstrua**. [prefácio Grande Otelo]. Rio de Janeiro: Edição da autora, 1993.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. (Org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. 5 ed. Petrópolis: Vozes. 2002. p. 35-86.

PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer**: notas para uma política dos “anormais”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.

RIBEIRO, Vândiner. **Currículo e MST**: relações de poder-saber e a produção da “subjetividade lutadora”. 2013. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

RIBEIRO, Vândiner; FONSECA, Ivana Alice Teixeira. No currículo de um *site* de relacionamento: mulheres que desejam mulheres criam um modo de vida fora do armário e dentro dele. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (Org.). **Pesquisas sobre currículos, gênero e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza, 2018. p. 299-325.